

## **GT 1 -TEORIA DE MEMÓRIA, LINGUAGEM E CULTURA: PERSPECTIVAS PARA LEITURA DAS NARRATIVAS CRISTÃS PRIMITIVAS**

Coordenação: *Paulo Nogueira / Marcelo Carneiro*

### **1. O Evangelho de Marcos como livro de testemunhos: o que se dizia e o que se ouvia sobre Jesus de Nazaré**

Resumo: Examino o Evangelho de Marcos como um *livro de testemunhos*: um repositório de testemunhos sobre a vida de Jesus de Nazaré, dados por pessoas que conviveram direta, ou indiretamente, com ele. Os testemunhos celebravam a memória de Jesus de Nazaré entre as primeiras congregações cristãs. A compreensão da natureza dos testemunhos, no texto marcano, será construída considerando três exemplos da atual teoria literária: o teor (referência) testemunhal, o testemunho e o *testimonio*. Demonstro, então, que o texto marcano é melhor entendido e estudado a partir do ambiente testemunhal de sua produção.

*Sidnei de Moraes Sanchez*

[sidney@sabercriativo.com.br](mailto:sidney@sabercriativo.com.br)

### **2. Os sinais do verdadeiro Profeta de Deus. A narrativa de Mateus 7:15-23**

Resumo: Um dos temas recorrentes no Antigo Testamento e o profetismo e suas implicações com a preocupação com falsos profetas (Dt 18:19, Ez 13:6, Jr 28 e Nm 22-24), assunto retomado pelo evangelista Mateus. O autor do Evangelho de Mateus alerta contra os que se autoproclamam profetas e na verdade são falsos, e visam seus próprios interesses, mensagem sempre atemporal (II Tm 3:16-17). Este tema adquire importância no nosso contexto imediato de pós-modernidade com a proliferação de uma nova religiosidade desordenada multifacetária. O evangelista Mateus indica sinais que devem ser observados pela comunidade cristã para evitar que sejam dizimados espiritual, física e materialmente por falsos profetas. Santo Agostinho, 354-430 AD, sistematizou os sinais em naturais, que tem uma origem humana e os sobrenaturais com os milagres de Deus com mensagens que somente podem ser compreendidos pela fé. A narrativa encontrada no Evangelho de Mateus 7:15-23 leva a uma reflexão sobre o comportamento do profeta com inconsistência entre os sinais sobrenaturais e os humanos. Os falsos profetas somente buscam os seus próprios interesses em detrimento da comunidade cristã. A expulsão de demônios, realização de milagres e reconhecimento apenas formal da divindade de Jesus Cristo e o seu senhorio com manifestações sobrenaturais reais ou aparentes não são suficientes para o reconhecimento da autoridade profética. Os sinais externos da autêntica autoridade espiritual do profeta são a sua consistência ética e moral de vida, com coerência entre a vida pessoal e a sua atuação profética, em acordo com os valores cristãos definidos pelas próprias sagradas escrituras. A narrativa em

Mateus 7:15-13 e analisada exegeticamente com a identificação da necessidade de incorporação de sinais sobrenaturais e naturais no verdadeiro profeta de Deus.

*Jean Luc Fobe*

[jeanfobe@yahoo.com](mailto:jeanfobe@yahoo.com)

### **3. Uma Retomada Romântica do Conceito *Sitz im Leben***

O conceito *Sitz im Leben*, cunhado por Hermann Gunkel a partir do contexto da filosofia idealista alemã do Esclarecimento [*Aufklärung*], passou a integrar a metodologia da exegese histórico-crítica como conceito que retoma o contexto histórico-social da perícopé analisada, tornando-se assim um conceito historicista. Independentemente do modo como Gunkel tenha tomado-o, no pensamento dos filósofos alemães que refletiram sobre as origens do evangelho, não se tinha em mente um conceito historicista quando se discutia sobre os gêneros do evangelho, ao invés disso, pensava-se em um conceito formal, relacionado com os gêneros textuais. Nosso objetivo é mostrar que Bakhtin retoma a concepção que os filósofos alemães tinham a respeito dos gêneros do evangelho, em contraposição à tradição historicista da metodologia da exegese histórico-crítica e que os conceitos bakhtinianos parecem mais apropriados para análise do texto bíblico por considerar o texto em seu aspecto formal mais que em seu aspecto histórico.

*Francisco Benedito Leite*

[ethnosfran@hotmail.com](mailto:ethnosfran@hotmail.com)

### **4. Princípios da vivência comunal cristã primitiva para a liturgia cristã contemporânea**

Estacomunicação é fruto de uma pesquisa bibliográfica que apresenta princípios da vivência comunal dos primeiros cristãos e sua utilização como norteadores para a liturgia cristã atual, defendendo que esta utilização não impede o processo de adequação a algumas tendências sócio-culturais atuais. Por fim será apresentada uma proposta litúrgica experimentada pela Primeira Igreja Batista de Curitiba durante 10 anos que comprova a viabilidade e eficácia da proposta deste trabalho.

*Talita Vieira Barros Todeschini*

[mp-2018-tallita@fabapar.com.br](mailto:mp-2018-tallita@fabapar.com.br)

### **5. Animais falantes nos Atos dos Apóstolos Apócrifos: o cristianismo primitivo entre folclore, ficcionalidade e representação social.**

Tanto a história cultural quanto os estudos semióticos têm possibilitado novas abordagens e enfoques à pesquisa sobre a história e literatura do cristianismo primitivo. Nas últimas décadas, tem crescido o número de trabalhos que buscam compreender o cristianismo primitivo como fenômeno fluido e amplo, que integra processos culturais de recepção e diálogo com os mais diversos atores sociais e religiosos do mundo mediterrâneo romano. Entre essas novas propostas, encontra-se a de ruptura com categorias tradicionais, como a de canonicidade. Para entendermos o cristianismo primitivo como fenômeno plural e amplo do mundo antigo, é preciso analisá-lo em suas mais variadas expressões literárias. Nisso, os chamados textos apócrifos assumem um papel fundamental, pois são expressão de uma intensa relação entre grupos cristãos e temas, tradições e gêneros da cultura popular greco-romana. Os Atos Apócrifos dos Apóstolos, parte integrante desse conjunto de materiais extra canônicos, são um registro muito vivo da recepção e releitura dos motivos e elementos estruturais das narrativas populares em circulação entre os grupos subalternos do império romano. Do conjunto de narrativas que compõem os diversos atos apócrifos produzidos a partir do século II EC, destacamos duas: o encontro entre Paulo e o leão batizado em Éfeso, nos Atos de Paulo; e o episódio em que Pedro envia um cão falante para lançar um desafio à Simão Mago, nos Atos de Pedro. Em ambas as narrativas, encontramos apóstolos em suas aventuras que, diante de um desafio a ser completado, recebem a ajuda de animais falantes. Esses episódios, marcados por forte teor fantástico, apresentam elementos estruturais típicos das formas primitivas do folclore narrativo e da ficção literária, e que se configuram como peças de uma construção identitária realizada a partir do jogo de símbolos e metáforas utilizados nas narrativas. Oriundos das fábulas e contos maravilhosos (gênero do folclore arcaico, na designação de Vladímir I. Propp e Eleazar M. Mielewski), esse imaginário animal está integrado a discussões identitárias e é um importante recurso para a construção de auto representações sociais no cristianismo primitivo. Animais falantes se encontram na fronteira entre o humano e o não-humano, característica das produções ficcionais, pelas quais as hierarquias e convenções sociais podem ser invertidas e horizontalizadas e, por meio da narrativa, uma nova ordem de coisas pode ser proposta em um mundo socialmente marcado por estratificação, imobilismo e falta de recursos para a sobrevivência. Seria possível, então, se pensar em um “folclore cristão primitivo”, pelo qual a cultura popular tradicional, anônima, oral e coletiva, se perpetua como forma de classificação do mundo para os grupos cristãos.

*Guilherme de Figueiredo Cavalheri*

[gfc.pessoal@gmail.com](mailto:gfc.pessoal@gmail.com)

**6. A memória das narrativas apócrifas assuncionistas e sua influência na composição do pensamento da sociedade medieval e moderna no que se refere ao medo da morte e do inferno.**

Os evangelhos apócrifos marianos assuncionistas, literatura apócrifa complementar ao texto canônico que se formou nos séculos IV e V, exerceram influência em tratados, na liturgia, pinturas e discursos homiléticos na Idade Média e Moderna. Discutir o alcance dessa literatura no que se refere ao medo da morte e do inferno e suas implicações religiosas e culturais é o que propomos com essa comunicação. A relação com os mortos, a morte e a vida pós-morte percorreu um caminho com enfoques diferenciados desde os primórdios do cristianismo. Na Baixa Idade Média e início da Moderna, o cristão, por causa do Juízo Final, foi levado a ter medo da morte, de Satanás e do Inferno. Recorrer à proteção de Maria, como mediadora e advogada foi caminho encontrado na religiosidade popular. Ela foi evocada como Nossa Senhora da Boa Morte. Por que essa linguagem foi usada? Qual a sua relevância?

*Jacir de Freitas Farias*

[bibliaeapocrifos@bibliaeapocrifos.com.br](mailto:bibliaeapocrifos@bibliaeapocrifos.com.br)

### **7. “O devorador insaciável de todos”: A descrição do Inferno como ser personificado em Descida de Cristo ao Inferno**

No imaginário cristão, tanto o material canonizado no Novo Testamento quanto os materiais apócrifos mostram o inferno como um lugar ruim, consequência da condenação, espaço para os que choram e rangem os dentes. Entretanto, no apócrifo *Descida de Cristo ao Inferno*, texto tardio que mostra como se deu a descida de Cristo ao lugar dos mortos citado de forma passageira em alguns textos canônicos, o inferno não aparenta ser um local de tormento e nem mesmo é apresentado como um lugar, mas como uma entidade personificada: o Hades. Misturando elementos da tradição judaica, grega e cristã, este material ajuda a perceber a amplitude do imaginário cristão, já entrando na Idade Média. Faremos uma análise narrativa do texto, procurando apontar os aspectos pitorescos e bizarros presentes ali, com destaque para a figura da entidade Hades (inferno).

*Marcelo da Silva Carneiro*

[prmscarneiro@yahoo.com.br](mailto:prmscarneiro@yahoo.com.br)

### **8. Paulo e a língua dos anjos**

O movimento cristão emergiu como uma seita judaica, mas amadureceu em um contexto greco-romano, sendo profundamente impactado pela cultura e tradições ocidentais. Por um lado, sofreu as influências das tradições israelitas antigas e do Judaísmo do Segundo Templo, e por outro, sofreu as influências das tradições greco-romanas, embora em menor grau. O presente estudo tem por objetivo analisar o fenômeno da língua dos anjos no Judaísmo e

Cristianismo primitivo. Para tanto, examina-se alguns textos chaves que pertencem ao imaginário místico – apocalíptico judaico e a um texto que pertence a tradição cristã primitiva. Com isso, este estudo mostra que a glossolalia como uma fala extática e ininteligível é caracterizada como língua dos anjos tanto pelos textos que pertencem a tradição mística-apocalíptica judaica quanto por Paulo em 1Coríntios 13.

*Leandro Formicki*

[formicki@hotmail.com](mailto:formicki@hotmail.com)

### **9. *Domus X Insula: repensando o espaço de partilha da Eucaristia em Corinto***

Quando observamos o mundo antigo, especificamente o primeiro século, devemos dar atenção aos espaços utilizados pois nesse período, o público e o privado são separados por uma linha tênue. O privado tende a reafirmar as dinâmicas presentes no espaço público, fortalecendo assim o poderio do alto estrato. A *domus*, símbolo de poder e status no período romano, detém características peculiares, as quais identificam o poder aristocrático vigente. Os cômodos de uma casa romana tinham objetivos específicos, tais como o triclinio, local onde aconteciam as refeições. Dependendo do poder aquisitivo do patrono ou do dono da casa, poderiam ser encontrados mais de um triclinio na mesma casa. Do átrio, local em que um convidado era recebido até o triclinio, o mesmo andava por espaços que buscavam apresentar a riqueza, o poder e o status do anfitrião. Sabemos da existência de alguns patronos na comunidade de Corinto mas que a mesma era, provavelmente, constituída por pessoas de baixo estrato. Pessoas de baixo estrato residiam em insulas, residências populares, que formavam grandes agrupamentos populacionais geralmente localizadas nas periferias da cidade ou nas encostas dessas, tal como em Éfeso. Esse estrato era formado pelo povo simples, composto por livres, escravos, libertos, homens e mulheres com os mais variados ofícios e ocupações e/ou mesmo desempregados; fato esse comum nessa época. A proposta paulina de organização de uma comunidade e/ou grupo estabelecidos sob bases avessas a sociedade instituída; nos levam a rever esse espaço e a pontuar algumas possibilidades. Outro fato que precisa ser levado em conta, é a construção ritual da eucaristia, a qual foi estabelecida a partir de elementos de fácil acesso: pão e vinho. Sendo assim, estaremos repensando o espaço em que a eucaristia era partilhada na comunidade em Corinto. Seria a *domus* o único local em que essa refeição ritual acontecia? Será que a mesma não poderia ser partilhada em uma *insula*? Haveria de fato apenas um local em que essa refeição ritual era realizada?

*Danielle Lucy Bosio Frederico*

[daniellemetodista@uol.com.br](mailto:daniellemetodista@uol.com.br)

### **10. Prostitutas em Pompeia: agentes populares da cultura**

Esse ensaio tem por objetivo, propor a possibilidade da prostituta ser um agente circular de cultura e influência no mundo antigo do século I. Tomaremos para essa recorte a cidade italiana de Pompéia e mais precisamente os grafites denominados *programmata*<sup>2</sup>, as quais haviam apoio das prostitutas a certos candidatos. Quais eram as prostitutas que escreviam? O fato de ser letrada em uma sociedade onde a escrita era cotidiana da população lhes conferia mais facilidades? Isso a diferenciava de outras prostitutas? E as estrangeiras, que no mínimo eram bilíngues, como no caso de Maria, a prostituta judia (CIL, IV, 7862 e 7866)? A partir dessas colocações, levantar a hipótese condição da escrita lhes conferir essa conotação de agentes de circulares e disseminadoras culturais.

*Gabriela Dias de O. Muniz*

[gabrieladiaz1@icloud.com](mailto:gabrieladiaz1@icloud.com)

### **11. Mensagens do além-túmulo: A formação de um imaginário sobre a vida após a morte através da análise dos epitáfios e mausoléus da Roma Antiga**

Este paper pretende demonstrar o imaginário do Mundo Antigo a respeito do Mundo dos Mortos e da vida após a morte através da análise e apresentação da iconografia dos túmulos, estelas mortuárias e mausoléus da Roma Antiga dos primeiros séculos a Era Comum. Com uma aproximação das pinturas e relevos que enfeitavam as esquifes dos mortos ilustres da Roma desse período, a grandeza de seus mausoléus e necrópoles e até mesmo pela simplicidade de urnas funerárias das classes mais baixas é possível perceber que os romanos desse período, quer pobres ou ricos, acreditavam na continuidade da vida após a experiência da morte. Acreditavam que seus entes queridos continuavam a exercer atividades conscientes numa outra esfera da vida e mais: os falecidos tinham, em determinadas ocasiões especiais, a oportunidade de retornarem e usufruírem de presentes deixados para eles nos locais do descanso de seus restos mortais. A julgar pelas descrições ilustrativas que enfeitavam os esquifes, retratando as procissões de enterro dos mortos ilustres, é possível perceber que os rituais de morte eram muito importantes para a cultura romana no mundo antigo. Longos eventos, com festividades, momento de lamentos, músicos e carpideiras profissionais faziam parte dos atos funerários de pessoas das classes altas de Roma, garantindo

que tais mortos fossem honrados e tivessem paz na continuidade da vida além-túmulo. Mais do que isso: enfeites, flores, relíquias e utensílios cotidianos eram garantidos para os mausoléus, acompanhando os falecidos. Grandes banquetes eram realizados anualmente em honra dos que se foram, também com a preocupação de que os mortos permanecessem em seus descansos e, quando retornassem de suas atividades e prazeres no outro mundo, ficassem em suas tumbas e não assombrassem os vivos. Assim, nossa proposta nesse paper é compreender como tal relação do mundo romano antigo com a forma de sepultar seus mortos, o respeito a eles delegados e os cuidados referentes ao processo posterior à morte moldaram o entendimento desse mundo sobre a vida após a morte e em que medida isso pode ter sido recebido ao longo de toda extensão do Império em suas relações com os mortos e em especial, com o rompimento de fronteiras entre estes mundos: as festividades dos romanos para honrar os falecidos tinham a intenção de mantê-los em seus espaços, longe do mundo dos vivos porque acreditavam que, caso não fossem honrados em seus sepultamentos, eles poderiam retornar e os assombrar.

*Carlos Eduardo de Araújo Mattos*

[edubadofe@yahoo.com.br](mailto:edubadofe@yahoo.com.br)

### **12. A relação comunicativa entre a expressão ἀγάπη τοῦ Χριστοῦ e o verbo συνέχω. Uma abordagem pragmático-linguística de 2Cor 5,14**

Este estudo verifica a relação comunicativa entre a expressão ἀγάπη τοῦ Χριστοῦ e o verbo συνέχω em 2Cor 5,14 em uma perspectiva cristocêntrica e pneumatológica. Aborda-se a conflitiva relação de Paulo com a comunidade de Corinto na contextualização de 2Cor 5,14, com destaque para os desafios e intencionalidade teológica de 2Cor. A análise das categorias supracitadas considera a partir de uma aproximação pragmático-linguística, o sentido profundo da compreensão do ἀγάπη τοῦ Χριστοῦ e suas consequências no ser e no agir da vida dos crentes.

*Adriana Barbosa Guimarães*

[adriguimaraes1998@gmail.com](mailto:adriguimaraes1998@gmail.com)

### **13. Narrativas do Cristianismo Primitivo e as lentes do grotesco: perspectivas teóricas**

Enquanto tem havido um crescente interesse no uso da imagética do grotesco na arte e na literatura, em comparação, pouca atenção tem sido dada ao seu emprego e/ou significado religioso, o que é verdadeiro também em relação ao campo dos estudos bíblicos. Criaturas que não são deste mundo e descrições hediondas de sofrimentos pós-vida nos textos sagrados são facilmente

classificadas como apocalípticas. Como grotescas, nem tanto, e é preciso um olhar para além das metodologias tradicionais para associá-las ao que vem sendo construído como uma teoria do grotesco no campo das artes e da literatura. Tendo no horizonte o texto geral da cultura no qual se inscreve a literatura cristã primitiva, este paper objetiva introduzir o grotesco como paradigma teórico para leitura de narrativas do cristianismo primitivo. Para tanto, propõe um exercício a partir de metamorfoses nos Atos Apócrifos de Felipe.

*Elizangela Soares*

[para.eliz@gmail.com](mailto:para.eliz@gmail.com)

#### **14. Paulo e as práticas mágicas no Cristianismo Primitivo**

Neste artigo analisaremos as sociedades primitivas através de suas práticas e costumes, e como isso influenciou a formação do cristianismo primitivo. Abordaremos as principais ideias, abrangendo a história cultural, e os costumes povos, pois como sabemos as práticas mágicas eram vistas de forma diferenciada dos dias atuais. Através da magia eram realizadas *curas*, evocações, orações, exorcismos, unções, transes, rituais, ressurreições, etc. Estas ações estavam presentes no cotidiano dos povos. Para esta análise, utilizaremos a literatura apócrifa dos Atos de Paulo e Tecla e a literatura canônica. Partindo destes preceitos, o presente estudo destina-se a relacionar a figura do Apóstolo Paulo com a magia presente no início do século 1, analisando a cultura, as práticas de magia no Mundo Antigo, e sua inserção nas comunidades cristãs nesse ambiente vital.

*Kellen Christiane Rodrigues de Araujo*

[kellen.chris@hotmail.com](mailto:kellen.chris@hotmail.com)